

MARIA PEREIRA BOING

HOMEM NO CAMPO SEU DIZER E SEU FAZER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Ana Josefina Ferrari**

MATINHOS

2011

HOMEM DO CAMPO SEU DIZER E SEU FAZER

Maria Pereira Boing¹;
Ana Josefina Ferrari².

RESUMO

Os falares da academia e os de comunidades de diferentes partes do Brasil nem sempre se encontram em sintonia. Isto é fato quando nos referimos às diversidades de variantes linguísticas existentes no país, porém chama a atenção as traduções feitas pelos técnicos agrícolas, veterinário ou agrônomos que exercem a função de técnico extensionista. Uma questão que se coloca como ponto de partida e como uma mesma informação, dita por um agricultor e por um técnico extensionista, tornam se tão distantes que parecem pertencer a léxicos diferentes; talvez por que, um parte do principio do dizer e o outro do seu fazer, um parta do conhecimento academizado e ou outro da necessidade de produzir e manter a produtividade. Com ajuda de Paulo Freire, Miguel Arroyo e Marcos Bagno não se tem aqui a pretensão de esgotar o tema, mas buscamos discutir e refletir sobre as “traduções” feitas nos contextos de orientação agrícola, e a dicotomia criada na comunicação quando há valorização do saber academizado em detrimento do saber popular. Este artigo apresenta ainda, traduções feitas por educadores técnicos em momentos de orientação a jovens agricultores sobre manejo ou em sala de aula no curso do Projovem Campo Saberes da Terra no município de Ariranha do Ivaí no Paraná com falas de jovens agricultores, bem como vocábulos que nominam espécies vegetais e animais.

Palavras-chave: TRADUÇÃO - EDUCAÇÃO DO CAMPO – LINGUAGEM

¹ Formação; Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (UFPR Litoral) e; CEEBJA- Centro de Educação de Jovens e Adultos de Ivaiporã. E-mail: mariapboing@hotmail.com

² Professora Doutora em [Linguística](#); Educador Orientador do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, UFPR Litoral. E-mail: ana.josefina@gmail.com

1 CONTEXTO

Ariranha do Ivaí nasceu no processo de ocupação de terras do vale do Rio Ivaí. Uma das características marcantes do processo, nesse vale, foi a predominância de pequenas propriedades com o objetivo específico de povoamento e valorização das terras dos núcleos urbanos a serem criados. Uma vez que se houvessem um número expressivo de moradores também seria necessário um núcleo de serviços e venda de mercadorias.

Segundo o professor de história Lúcio Boing que publicou pesquisa sobre a ocupação dessas terras, a Stul – Sociedade Territorial Ubá, a qual teve a concessão de terras para ocupação da região. A Companhia usou tal estratégia de vendas de lotes pequenos de até sete alqueires paulistas, com algumas exceções sendo que ainda hoje predominam pequenas propriedades no município de Ariranha do Ivaí.

Nestas propriedades vivem famílias descendentes da migração de várias regiões do país. Isso porque que ali ocorreu a confluência de colonização/migração nortista e sulista: BOING, 2008, gerando uma grande diversidade cultural e social.

Até os dias de hoje há uma diversidade de atividades agrícolas em consequência da migração de cultural.

O município tem a formação do relevo bastante íngreme, e o clima tropical que possibilita quase todas as culturas, com maior ênfase da criação de gado de leite para venda a laticínios, café, feijão, arroz, e milho para criação de diversos animais para abate e consumo familiar, muitas hortaliças e frutíferas.

O IDH é baixo, e a população segundo senso do IBGE 2010 é de 2453 habitantes. Desses aproximadamente 50% vivem no campo. Porém, como aconteceu na maioria dos municípios brasileiros, os jovens tiveram dificuldade de acesso à educação e dentre os motivos está o relevo acidentado, que impedia o deslocamento com segurança e tempo.

Outro fator, ainda mais relevante, é o modelo de escola que não vincula a vida campesina aos conteúdos didáticos e assim o jovem ao perceber que a sua

vida de trabalho não é apresentada na escola como um modelo interessante de economia, ele opta por abandonar sua formação escola e fica com o trabalho na lavoura.

O discurso ideológico de valorização do mundo urbano também contribui. Exemplos desse discurso na escola é: usar “a caneta” não é para quem vai trabalhar com os braços. Sendo muito comum se ouvir, ainda a frase “para que estudar se vai ficar ai na roça!”ou ainda “ Estude se não vai ficar a vida toda nessa “vidinha” ,até mesmo na boca de educadores. Por esses motivos os jovens abrem mão da educação formal para usar o tempo com trabalho na lavoura.

Com isso, o número de jovens que não concluíram sua formação escolar é bastante grande e para suprir essa lacuna histórica surgiu o curso do Projovem Campo Saberes da Terra. O curso tem uma estrutura didática na qual interagem educadores das áreas do conhecimento da Base Comum nas escolas públicas do Paraná com a área chamada de Ciências Agrárias o que permite melhor diálogo com a vida diária de trabalho do educando. O curso tem ainda o diferencial de valorizar o tempo comunidade,ou seja o trabalho que o educando realiza em sua propriedade e valorizado e abordado nos conteúdos escolares, considerando o tempo comunidade como hora aula,inclusive.

Esta interação permite aos educandos uma aproximação bastante produtiva no sentido de conversar com os diferentes saberes e colaborar para a formação integral do educando que obterá a formação em Ensino fundamental serie final (8ª série) e a qualificação social em Agricultura. Embora também nessa prática de sala de aula ocorram problemas, pois a linguagem usada por educadores tem características diferentes, pode ser observada a valorização da linguagem formal e a preocupação com a construção do discurso na variante padrão. O educando usa no seu dia a dia,uma linguagem que expressa o seu saber,mais especificamente, no que diz respeito aos termos que nominam animais, plantas, técnicas de manejo e descrições dos saberes populares.

Diante dessa problemática e da dificuldade de comunicação entre os educadores e educandos (jovens agricultores) proponho aqui trazer o relato de algumas “traduções” feitas por técnicos educadores (extensionistas) que demonstram que sujeitos falam a mesma informação, na mesma situação com palavras e expressões diferentes, e assim não se entendem, já que um parte do princípio do dizer e o outro do seu fazer; um parte do conhecimento “academizado” e ou outro da necessidade de produzir e manter a produtividade.

Para facilitar nosso debate esclarecermos que professor da área Técnica no curso saberes da Terra é chamada na estrutura do curso de Área das Ciências Agrárias e suas tecnologias, função exercida por um agrônomo, veterinário ou um técnico agrícola que aqui chamaremos de professor extensionista,ou educador técnico .

O educador técnico é responsável pela formação técnica do educando e quando o educador técnico traz o discurso “academizado” ele provoca uma tensão que impede o diálogo produtivo, entre o jovem e o educador. Esta tensão deixa o técnico em situação de conforto, em situação de superioridade, porém o jovem sente se inferiorizado em relação ao seu dizer e seu fazer. Mas, mesmo sentindo se humilhado, o agricultor não questiona, não impõe sua fala, mesmo que muitas vezes discorde do discurso do educador. O homem do campo utiliza se do tempo e do espaço como uma extensão de si próprio de suas ações, direcionamentos, decisões e práticas agropecuárias diretamente ao que ele sente ou acredita, ou aprendeu com seus pais na prática agrícola, ou seja, a sua subjetividade.

A subjetividade está diretamente ligada a formação do sujeito, segundo Morin (1996) a subjetividade vai sendo construída a partir da complexidade existente na sociedade até chegar a uma complexidade cerebral. Ela comporta níveis diferenciados que se integra no todo, sendo que a subjetividade vai sendo construída,também através de valores, da linguagem do que podemos entender por liberdade. (Caderno Temático poder subjetividade e Currículo do estado do Paraná. P.22). O sujeito vai se fazendo pelas ações externas a si e internas de forma que

elas atuam diretamente nas ações que este escolhe que este sujeito se determina. Diante do contexto subjetivo o homem do campo desempenha suas atividades pautadas por necessidades de produzir alimentos para si e para outros. Sendo que na sua prática, ele encontra dificuldades e problemas que precisam ser resolvidos por ele mesmo. E, é nessas situações que o sujeito age e constrói conhecimentos.

Quando este se depara, por exemplo, com doenças de um animal na propriedade, nem sempre ele dispõe de dinheiro para solicitar a ajuda do profissional da área da medicina veterinária, e recorre à sabedoria popular. Mas, mesmo quando chama um veterinário, ele, na maioria das vezes, já sabe a solução com base em preceitos religiosos, mágicos ou químicos que já deram resultados antes, ou, por pura experimentação que ele mesmo vai realizando, seja através de formas e fórmulas, tendo como base remédios ou simpatias.

O homem do campo não desacredita do científico, somente, tem em sua necessidade de autossuficiência ou mesmo de auto sustentabilidade; e, o conceito que ele é o dono do problema a ser resolvido. E, quanto mais ele conseguir impedir que o problema se instale observando o tempo lunar para capação, para procria pra engorda, para desmame, ele terá menos problemas a serem resolvidos. O aprendizado nasce dos reveses; não há avanços instantâneos, nem soluções espetaculares. Para aprender mesmo é necessário que façamos análise crítica do revés, e então tomar a decisão para a busca da solução. Assim o homem do campo se permite experimentar, apreender a resolver. Permite -se impedir que problemas aconteçam.

Porém algumas situações são observáveis na vida do homem do campo que demonstram com maior ênfase a sua subjetividade e sua relação como a prática científica e com o profissional que atua junto a sua propriedade. O homem do campo utiliza-se de vocábulos muitas vezes, desconhecidos do profissional e mesmo falando a mesma coisa, esses por vezes, não se entendem e desconsideram o falar do produtor. Como nos seguintes exemplos: após uma capação apareceu uma saliência no umbigo, ou escroto do animal, o homem do campo irá chamar de

rendidura o que o profissional vai nominar de inflamação; quando um animal come demais ou come uma erva que provoque gases no intestino do bicho, o homem do campo dirá que ela está empachada, e o técnico chamará de aerogastria. E, assim ocorre também com nomes de plantas ou de práticas como desenvermar, que será para o homem do campo um desembichar.

Todavia esses nomes também mudam de acordo com a região, sendo uma situação própria do regionalismo linguístico e, mesmo quando o profissional procura se adequar ele esbarra na sua base científica, e, são tradicionais da formação do profissional esses termos, pois são convencionadamente definidos.

Assim percebemos o embaraço o agricultor quando busca explicar ao técnico que é a mesma coisa, e muitas vezes se subestima com frases como “*então é isso que o senhor disse, e que a gente não tem estudo e não sabe falar direito*”.

Porém numa próxima vez que o agricultor precisa falar com o professor técnico ele já busca imitar, na tentativa de aproximação, entretanto não vemos técnicos imitando os agricultores.

O homem do campo vive numa sintonia com o tempo e o espaço, não há para ele um horário de trabalho, mas sim um trabalho para cada horário. Por exemplo, à tarde no sol quente não é hora pra tratar animais, mas se uma vaca precisar de atendimento no parto ou fugir da cerca durante a noite é preciso realizar o serviço, independente do horário. O local de trabalho é também o local de vida do homem do campo, ele não se desvincula de seu fazer e é assim fazendo que vai desenvolvendo seu saber.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência da linguagem humana é uma atividade muito curiosa pela forma como articula o falante, os vocábulos e expressões da Língua com o interlocutor levando em consideração o que acredita se que este saiba, e, o que ele acredita que o locutor saiba. A experiência de interação e tradução de linguagem utilizada por

jovens agricultores e professores extencionistas em momentos descontraídos ou mesmo em sala de aula nas turmas do Projovem Campo evidencia o conflito de comunicação e a tensão que existe entre o saber “academizado” e o saber empírico. Demonstra-se assim o quanto a linguagem se apresenta como definidora e representativa da identidade social.

O peso do preconceito é palpável, como afirma BAGNO, 2007

embora a Língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse apresenta um alto grau de diversidade e variabilidade, não só por causa da extensão territorial do país – que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito... [16].

Este peso colabora para a exclusão social, uma vez que cria barreiras para falantes de variantes de menor prestígio social terem acesso a conhecimentos. Essas barreiras estão desde as comunidades sociais como igreja e associações, mas principalmente na escola.

Na atividade de professor de Língua Portuguesa, o professor, até instintiva e ingenuamente se faz reprodutor desse preconceito assumindo se como afirma BAGNO, 2007 : *os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é Língua ensinada na escola.* [16] - Nas turmas do Projovem Campo Saberes da Terra essa postura tornou-se mais expressiva no educador técnico que apresentava aqui a necessidade de fazer elo entre as práticas diárias dos jovens em suas propriedades e as práticas de escolarização. Nesse entevem de postura, já é natural do falante assumir papéis sociais. Porém se está sob ação social vigiada torna-se mais visível o distanciamento e a dificuldade de comunicação entre “ as Língua”, se é que existem mais que um português – o escolar e o do dia a dia (também conhecido por coloquial) .

O educador técnico obriga-se à valorização da linguagem padrão por sentir responsável pela formação do educando e toma para si a condição de fazer a propaganda de um conhecimento técnico-científico “academizado”. Embora este educador seja orientado durante sua formação continuada a levar em consideração

outros elementos, ele, muitas vezes, persiste nessa posição, talvez pelo próprio espaço da escola. Não há aqui uma generalização dessa prática, mas vale lembrar que a educação do campo postula a necessidade de propiciar o reconhecimento do valor de seu conhecimento aos sujeitos que vivem e trabalham no campo. E por se tratar de sala de aula, ou mesmo que na visita de campo na propriedade, mas ao dirigir aos educandos percebemos que o educador técnico valoriza a linguagem padrão e científica quando explica conteúdos. A Educação do Campo também propõe desmistificar a performance que conhecimento “academizado” é superior aos saberes populares, em compreender que nascem em espaços diferentes.

Contudo no educador técnico se percebe a necessidade de “vender” a técnica; assim como chama atenção Paulo Freire ao conceituar a palavra extensão em seu livro: Comunicação e Extensão

Persuadir implica, no fundo, num sujeito que e persuade, desta ou daquela forma, e num objeto sobre a qual incide, a ação de persuadir. Neste caso o sujeito e o extensionista; o objeto o camponês. Objetos de uma persuasão que os farão ainda mais objetos da propaganda [FREIRE, ANO: 13]

Nosso trabalho teve sua etapa inicial no início do curso, em 2010 e 2011, período em que os jovens ainda não se sentiam na obrigação de utilizar a linguagem escolarizada, por isso as expressões cotidianas e vocábulos que nominam animais e vegetais, ou situações vividas pelos camponeses, surgiam com mais naturalidade. Foi quando começamos a fazer as anotações e observações, sejam elas de processos de trabalho ou identificação de doenças. A maioria das observações foi durante as visitas nas propriedades em companhia dos técnicos. Ali fomos reconhecendo a recorrência de situações de tradução e de dificuldade de entendimento entre educador técnico e educando. Assim, fomos anotando as falas que mais se repetiam e em seguida visitamos alguns camponeses para conversar de maneira informal, mas provocando o debate sobre os processos e tecnologia de plantio, sobre a relação com os técnicos, sobre as orientações que os técnicos passam. Após, essas conversas, procuramos mobilizar os técnicos para falarem de

assuntos que se destacaram nas falas dos agricultores, como: nomes de doenças e nomes de partes do corpo dos animais e percebemos que os relatos dos agricultores apresentavam um problema comum: a dificuldade de comunicação com os técnicos. Assim sendo não utilizamos de um questionário de entrevistas como metodologia de trabalho para o presente levantamento.

Estas observações demonstram que os educadores buscavam realizar uma “tradução” das falas dos jovens e que, muitas vezes, se deparavam com um mesmo objeto/situação denominado em contextos diferentes, e por essa condição não havia entendimento de ambas as partes sobre o conteúdo estudado. Analisemos a situação seguinte para podermos entender como essas traduções³ feitas pelos educadores técnicos se carregam de preconceito.

Os seguintes exemplos ilustram a situação à qual apontamos. Na propriedade de jovem agricultor estávamos diante de uma vaca com enormes machucados no úbere, o jovem narra ao técnico “... já faz quais uma semana que tá assim com as ubre tudo rasgada parece até que pulou o arame, mas é zanguera de boca de bezero ,já fizemos pasta de banha com tansagem e já melhorou metade, mas agora ela deu de ficar deitada no barro e isso tá fazendo zanga, já tem até pus, acho que agora precisa de dar uma injeção de inflamatório”

Ao ouvir a narração, o técnico se antecipa para os outros educadores presentes e fala: “então o que está acontecendo é uma afecção de mamite, inflamação das glândulas mamárias, também conhecidas por mastite, ela é causada por um báculo vírus que se aloja no ínfimo do úbere da vaca e vai impedindo a circulação do sangue até impedir a produção do leite. O uso da banha só faz piorar porque fecha as entradas de ar e piora a inflamação, realmente é preciso – é frisa para corrigir – um ANTINFLAMATÓRIO”.

³ Arrojo, 2002 “... aceitaremos e celebraremos aquelas **traduções** que julgamos “fiéis” às nossas próprias concepções textuais e teóricas, e rejeitaremos aquelas de cujos pressupostos não compartilhamos. (pág. 45).

Nesse pequeno exemplo, percebe-se que o jovem não erra em conjugação verbal ou adequação sujeito verbo, ele apresenta a situação com vocábulos que são utilizados por sua família, no seu fazer diário, e não posso deixar de registrar que o jovem e os professores ficaram sem entender nada, foi quando o técnico “traduziu” a fala do jovem, pois como somos todos – os outros educadores – nascidos no campo, entendemos perfeitamente a fala do jovem.

Assim a tradução feita toma ares de puro preconceito uma vez que o técnico já havia entendido a fala do jovem era somente apresentar a ele de forma bem simples como o processo de inflamação se deu e qual medicamento esse deveria utilizar, visto que era essa a sua dúvida. “Nessa mesma perspectiva, apareceu a doença da “FIGUEIRA” ou” VERRUGUEIRA”, que o técnico traduziu por “papilomatose” .

Na situação descrita pode-se observar claramente o que Arrojo diz, 2002 chama de palimpsesto, “...ou seja quando um passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do “mesmo” texto (...), [que] não pode ser um conjunto de significados estáveis e imóveis, para sempre “depositados” nas palavras (...) O que temos, o que é possível ter, são suas muitas leituras, suas muitas interpretações – seus muitos “palimpsestos”. (ARROJO; 2002: 23 e 24)

Outra situação que demonstra dificuldade de diálogo entre jovem e técnico e o relato:

“ Lá em casa tá cheio de pinta preta em tudo, nas uva, nos mamão e até naquela amexinha amarela, até parece que tão com catapora. E pior que ta de dá no feijão agora, e os pé de feijão que dá isso, num dá nada na bage”

Diante desse relato, o técnico disfarçou com pigarro de garganta andou com a conversa meio sem saber o que dizer e aí, pediu ao jovem que o levasse até uma planta doente com as tais pintinhas. Após ver veio a tradução

“... bem isso é um fungo que se desenvolve sob a planta em situações de extrema unidade, a doença é transmitida por inseto, pela chuva, pelo vento, por animais ou pelo próprio homem ao andar na lavoura úmida leva os fungos em sua roupa. Ela impede que a

planta tenha livre circulação da seiva e assim é como se os poros se fechassem , chama se antracnose, parece uma ferrugem ou uma mancha angular.”

Outra vez o técnico somente traduz ao jovem o que ele já havia constatado pela observação e o que ele precisa que é a orientação não acontece.

Novamente com as vacas, “... *lá em casa a vaca amanheceu caidinha a coitada deu cria certinho, o Meca mamou, mas de manhã tava caída. Chamamos o veterinário e dissemos por telefone o que tinha acontecido ele já veio com soro pronto e tudo, deu na bichinha, depois deu um tapa nela e ela saiu andando boazinha”*

Indaguei ao jovem se ele tinha explicado o que a vaca tinha ele disse: “*ah ele disse um monte de coisa, mas na verdade é que o Meca era grande demais e catou muito cálcio da vaca ai ela ficou assim caidinha, ele deu cálcio no soro, pronto.”*

A partir desses exemplos, elaboramos uma tabela na qual se apresenta uma seqüência de situações de traduções:

Fala do jovem agricultor	Tradução feita pelo educador técnico
1-Berruga na galinha	Bouba
2-Vaca empachada	Aerogastria, acidose ruminal
3-Umbigo rendido	Ênea
4-Desembichar	Desenvermar
5-Umbigo rendido na capação	Escroto inflamado
6-Pragas na roça	Erva daninha
7-Pinta preta nas lavouras	Sarna/ Antracnose
8-Repicar rama	Cortar hastes em pedaços
9-Ruar café	Colher café
10-Churiu	Diarréia
11- Curso	Diarréia com maior intensidade
12- Meca	Bezerro
13- Bage	vargem

O falar está diretamente ligado a identidade do sujeito, na sociedade existem diferentes papéis sociais e para cada um, uma linguagem que identifica e apodera, criando mesmo, o que talvez possamos chamar de dialeto de “tribus” ou de classes sociais. Assim como a vestimenta, a linguagem se apresenta como uma roupagem que abriga um conhecimento e uma condição social. Não fosse às situações de exclusão que são impostas aos falantes de Língua Portuguesa no Brasil, esse preconceito revelou em sala de aula do curso do Projovem Campo saberes da Terra uma dificuldade de entendimento entre da função do estudo da linguagem, uma vez que os educandos pediam ao educador de linguagem que os ajudassem a aprender português porque queriam falar bem e entender o que o técnico dizia. E quanto mais o professor de linguagem buscava apoderar os conhecimentos populares que os educandos traziam, mais longe objetivo se tornava, distante, pois o preconceito que o técnico trazia, e que era linguístico, torna se o todo preconceito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire 1996, demonstra

não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com ele, mesmo que em certas condições, precise de falar a ele.[FREIRE; 2996:113].

Reconhecer essas traduções nas falas dos educadores faz refletir o que Paulo Freire chama atenção que, ensinar exige saber escutar.

Ao assumir o programa Projovem Campo Saberes da Terra o educador assume o compromisso de identificar os sujeitos seus saberes e buscar apoderá-los desses, e não conduzir a uma outra aprendizagem através de traduções. CALDART,,2009 chama atenção “construir educação do campo significa formar educadores e educadoras do e a partir do povo ... e também do projeto educativo que nos identifica [CALDART; 2009:158]

Ao fazer a tradução, o educador coíbe a apresentação da identidade do educando, impedindo que sua subjetividade fortaleça sua identidade.

Coube aqui ao educador de Língua Portuguesa em sala de aula criar momentos de interação entre essas linguagens para diminuir a tensão comunicativa que se fez, chegando ou ponto de impedir que os educandos contribuíssem para o processo de formação, calando-se e somente auscultando o educador. Prática essa já superada para a educação popular, a qual valoriza os saberes populares propostos no projeto do programa Saberes da Terra.

A tradução de variantes lingüísticas não tem sentido se não para formalização de valor do conhecimento já existente.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez, Roseli Salette Caldart, Mônica Castagna Molina . **Por uma Educação do Campo** (organizadores).4ed._Petrópolis, RJ : Vozes, 2009

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico, o que é, como se faz**. Edições Loyola, São Paulo, 2007

BOING, 2008. **VALE DO IVAÍ: Conflitos e ocupação das terras**. in <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/582-4.pdf> acessado em: 01/08/2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. -São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção Leitura)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2005

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 8ª Ed. Paz e Terra, RJ, 1983

IBGE:: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, in www.ibge.gov.br/

MORIN 1996, apud **Caderno Temático Poder Subjetividade e Currículo** in www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2235-6.pdf *acessado em 31/08/2011*

Agradecimentos

Agradeço aos educandos do Projovem Campo Saberes da Terra das turmas de Ariranha do Ivaí e Ivaiporã, ao meu companheiro Lúcio que não permitiu que eu desanimasse nesta construção de conhecimento e aos meus filhos Renata e Vitor que souberam entender e dividir seu tempo comigo com os estudos.